

Dentro da minha constante pesquisa acerca do *Teatro do Absurdo*, este trabalho, em processo de criação, se constitui. Os estudos artístico-científicos do tema supracitado, contidos nos de Processo de Encenação I e II estão simultaneamente aqui, no Processo de Encenação III, sendo ainda mais aprofundados. Responsabilidade e ousadia requerem mais espaço. Celebrar o senso de coletivo e comunhão, do qual se faz o teatro desde a Grécia antiga é um dos principais anseios para esse trabalho. Carregado de sensualidade, magia e rito, busco dramatúrgico e cenicamente discutir o coletivo teatral nos dias atuais perante um mundo imediatista. Um coletivo que no palco, se faz, se desfaz, lida com vida e morte e sabem exatamente onde está sua essência. Um estado psicodélico mexe com suas mentes e os guia por um caminho de morte, comunhão, transformação e renovação coletiva. É uma carta cênica, escrita por vozes e ações, entregue a Dioniso em formato de adoração ao teatro e à vida. Aqui, a gama de possibilidades presentes no Teatro Contemporâneo relacionam-se às características do *Teatro do Absurdo* propostas por Martin Esslin (1918-2002), para possibilitar imagens cênicas de um mundo ilógico e incomunicável que caminha para a degradação de suas relações. “As bacantes” de Eurípedes regam os pensamentos de processo, com irracionalidade, sexualidade, dança e alucinação, decifrando, comungando a magia do teatro pelos olhos de seu deus, Dioniso.